

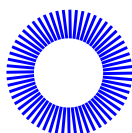
# A musea.

## Como se *trakea*<sup>1</sup> o museu?

**Gabriela  
Eguren Scheelje**

Coordenadora cultural,  
Museo Nacional del Perú

Perú



Foi dito há alguns dias, neste Encontro, que o museu deve reconhecer o que pode fazer e o que é chamado a fazer, mas será que os museus – as pessoas que administram os museus – reconhecem que as instituições museológicas são chamadas a intervir nas lacunas de gênero?

O fato de serem publicamente reconhecidas como instituições sexistas e hegemônicas parece tácito. Se assim não fosse, não estaríamos falando nestes espaços sobre diversidade, pensamento decolonial ou acessibilidade. Mas será que realmente reconhecemos isso ou estamos fantasiando o museu para fazer parecer que sempre fomos inclusivos ou que estamos sendo inclusivos agora?

Eu me pergunto quantos museus realizaram trabalhos em equipe e interdisciplinares, ou seja, trabalhos que envolvem es diferentes funcionáries, que se observam e se analisam nesse sentido. Quantos revisaram suas coleções, suas publicações, a composição de suas áreas? Foi dito ontem,<sup>2</sup> com muita coragem, que muitos diretores – homens, a maioria – não sabem o que é uma mentalidade colonizadora, e eu acrescentaria que eles não sabem o que é a abordagem de gênero, o que ela implica, e muito menos como integrá-la.

Os museus têm sido, ou continuam sendo, recipientes de uma história oficial; em outras palavras, da história dos

<sup>1</sup> *Trakear*, como um chamado à ação, vem do termo “*traka*”, usado na sociedade peruana para se referir a pessoas transgênero. Geralmente usado de forma coloquial e pejorativa, propomos sua apropriação por e para pessoas LGBTQ+.

<sup>2</sup> Consulte o artigo “A descolonização dos museus e o projeto social em Cuba” nesta publicação, pp. 148-152.

vencedores, e digo os vencedores de propósito: homens brancos, cisgêneros e heteronormativos. É necessário que o museu se reconheça como um reprodutor e produtor desse discurso oficial. Transformando-se, *trakeando-se* e distanciando-se da política de cotas, como diz Paul Preciado,<sup>3</sup> ou desse *pinkwashing* tão típico de nossa sociedade atual.

Fazer uma exposição – se o orçamento permitir – ou uma palestra, mudar a cor dos nossos logotipos de mídia social pode ser bom, mas é transformador? O que o museu está fazendo para incidir sobre as desigualdades de gênero? Os exemplos que acabei de citar têm uma estratégia real para intervir nessas desigualdades?

Visibilizar é importante, mas o museu precisa reconhecer seu papel na sociedade, precisa fazer um *mea culpa* pelo discurso que foi e continua sendo gerado. O museu deve se tornar um verdadeiro aliado e agente na luta contra a subordinação das mulheres e a discriminação contra as pessoas LGBTQ+.

Nesse sentido, gostaria de retomar uma pergunta feita pela educadora Marian López Fernández-Cao:<sup>4</sup> o que o museu diz a uma criança quando ela entra e reconhece

<sup>3</sup> Ao criticar a redução do feminismo a um espaço que não considera as dissidências sexuais, as pessoas racializadas e as trabalhadoras do sexo, entre outros, Paul Preciado argumenta que as políticas de cotas representam outras formas de violência ao “reinscrever” as diferenças no espaço institucional. Ver Meloni González (2019).

<sup>4</sup> A artista e pesquisadora espanhola questiona o papel que a figura feminina tem tido dentro dos museus e que, muito recentemente, começou a mudar, tanto questionando o papel central do masculino nas coleções de museus quanto o papel das trabalhadoras de museus. Consulte López Fernández-Cao (2013).



a si mesma ou a seu gênero como produtora de cultura? O que ele diz à menina que se vê como alegoria, esposa ou mãe, mas nunca como artista? O que ele diz à criança trans que simplesmente não se encontra?

É por isso que, quando digo que convido a pensar sobre o museu *trakeado*, estou pensando num museu que não caia na mesquinhez de não incomodar, mas que ouse borrar essas fronteiras, um museu que não domestique seu travestismo. Vamos pensar no museu *trakeado*, no museu travestido, como Giuseppe Campuzano nos convida a fazer em seu texto heroico Museo Travesti del Perú.<sup>5</sup> Vamos *trakear* o museu como um exercício de liberdade diante do mandato do cisheteropatriarcado.

Reconhecendo que cada museu é diferente, que responde ou deveria responder ao seu contexto e às suas comunidades, gostaria de comentar sobre a experiência do Museo Nacional del Perú (MUNA). Ele está numa situação particular porque é um museu em processo de implementação, mas desde julho de 2021 foi simbolicamente aberto ao público, tornando-o parte do processo e, ao mesmo tempo, permitindo pensá-lo como um laboratório.

As experiências e atividades que temos implementado no MUNA em relação às questões de gênero e diversidade não seriam possíveis – não de forma articulada e sustentável – se não tivéssemos uma rede e um marco regulatório para nos apoiar. Portanto, é importante mencionar que no Peru, em 2007, foi promulgada a lei de Igualdade de Oportunidades entre Mulheres e Homens; em 2021, foi publicado o Decreto Supremo n.º 15, que estabelece as diretrizes para a integração da abordagem na gestão pública. Da mesma forma, o Plano Nacional de Cultura 2030 está atravessado e vinculado aos artigos que tentam reduzir a lacuna de gênero em termos do

livre exercício dos direitos culturais das mulheres e das dissidências sexuais.

Num nível mais imediato, a Direção Geral de Museus propõe palestras e oficinas que convidam os funcionários dos museus a refletir sobre sua prática a partir dessa abordagem. Não vou listar as iniciativas – porque, embora não sejam tantas quanto eu gostaria, são várias –, mas vou comentar que em 2020 foi feito um diagnóstico das áreas de educação dos museus públicos e que isso mostra que está se trabalhando a partir de uma perspectiva de direitos, intercultural e de gênero. Mostra que as áreas de educação – eu diria que as mulheres e as dissidências que compomos/dirigimos essas áreas – vêm realizando essas atividades, mas que elas não estão vinculadas a um programa maior, a diretrizes ou ao plano museológico.

No caso do MUNA, o estudo de públicos anterior à inauguração simbólica e o plano museológico contemplam a variante de gênero; no caso deste último, em seu plano de comunicação, há diretrizes, ainda que escassas, para a comunicação inclusiva.

Ser um museu em construção é um desafio, mas também uma oportunidade. Assim, desde janeiro deste ano, um “programa” de autotreinamento vem sendo realizado com os mediadores que compõem a equipe do MUNA, além das sessões de treinamento com curadores, arqueólogos e cientistas. Uma vez por mês, uma pessoa da equipe propõe um texto que todos lemos e discutimos, muitos deles relacionados a gênero. Isso nos permite propor um eixo de gênero que perpassa todas as exposições e atividades. Na mesma linha, este ano, a equipe de manutenção e segurança, com a qual trabalhamos muito próximos, participou de dois treinamentos sobre tratamento inclusivo, abordagem de gênero e por que o Estado busca sua implementação.

Assim, desde março de 2022, por meio da gestão do programa públicos e comunidade, temos oferecido visitas e oficinas sob a abordagem de gênero, desde pequenas

<sup>5</sup> Campuzano (2008), no Museo Travesti del Perú, repensa a história do país por meio da dissidência sexual num trabalho histórico e artístico.



ações, como todas as nossas diretrizes de mediação serem pensadas a partir da abordagem, ou convidar cientistas para discutir as exposições ou expor peças que problematizam os símbolos de poder com um *huaco*<sup>6</sup> travesti, até a concepção de atividades exclusivamente para comunidades LGBTQI+.

Em maio deste ano, começamos a pensar num ocupação do MUNA com, por e para as comunidades LGBTQI+, uma atividade no âmbito do Dia do Orgulho. A atividade se chamava “Estamos nos museus? Lésbicas, gays, bissexuais, trans, queer e +”. O objetivo foi incentivar a apropriação do espaço (MUNA) por meio de intervenções que representassem as tradições, identidades e linguagens das comunidades LGBTQI+, a partir do reconhecimento de que as instituições museológicas historicamente invisibilizaram esse grupo, suas expressões e afetos.

Organizações e ativistas foram convidados primeiramente a dar suas opiniões e validar a atividade proposta, e depois a participar dela. Basicamente, ela foi dividida em três momentos: um tour pela exposição, a cocriação coletiva e a inauguração. Subdivididos em pequenos grupos, houve um passeio pelas exposições temporárias – de ciências e de arqueologia – em que se pretendia falar sobre o museu, a ausência, a representação no museu. No entanto, as visitas assumiram seu próprio ritmo e eixo de discussão, que nesse caso foi sobre como foram construídas as interpretações e os discursos, os olhares com os quais as exposições são curadas e os objetos exibidos. Foram discutidas as fontes e a interpretação binária e dicotômica do mundo antigo.

Após a visita e o enriquecedor diálogo que ela gerou, passamos à ação. Propusemos às pessoas intervirem, ocupar uma parede do museu, na qual fizemos a pergunta:

<sup>6</sup> N. da T.: Objeto de cerâmica ou outro material encontrado nas *guacas* (túmulos dos antigos índios).

estamos nos museus? E eles transformaram essa pergunta num declaração. Transformaram os pontos de interrogação em pontos de exclamação, e sim, estamos nos museus e somos diversas, machonas, bichas, *trakas*, cabocles, indígenas. A parede foi preenchida com cores, com bandeiras representando coletivos, artistas. Mas acima de tudo e mais importante: de nossas mulheres mortas e daquelas que sobreviveram à violência machista, homofóbica e transfóbica..

Porque nos encher de penas e bandeiras seria apenas exotizar. Se o museu, se os trabalhadores de museus não estivermos cientes das lutas, dos direitos violados, então essa não é uma atividade reivindicativa e restauradora para os coletivos historicamente apagados; se não tiver um pano de fundo compreendido pela equipe que integra o museu, diretor, museógrafo, curador, educador, agente de segurança ou funcionários, é apenas uma foto polêmica para o Facebook.

No final da intervenção, houve uma mini cerimônia de abertura, na qual Carlos Del Águila, diretor da Dirección General de Museos, estava presente, o que tem um peso simbólico muito importante. Carlos discursou, e vários participantes falaram. No final, nos abraçamos, felizes, pensando que só de transformar aquela pergunta numa afirmação, tínhamos cumprido o objetivo da atividade.

Mas a história desse muro não termina aí. O muro ainda está aberto para as pessoas intervirem, ele tem um módulo com canetinhas, cores e papéis para serem usados. Numa sociedade como a peruana e a de Lima, é possível imaginar a variedade de mensagens que as pessoas deixam, algumas delas realmente tocantes, às vezes apologéticas, saindo do armário, e outras tão duras, tão odiosas, que são difíceis de ler. Essas mensagens são removidas, mas eu as mantenho como provocadoras de outros diálogos.

Mas não quero encerrar com a parte mais difícil, quero voltar a uma das perguntas anteriores: o que o museu





Foto de estudantes em frente à parede intervencionada.

diz para aquela criança que simplesmente não se vê representada? O que é dito sobre o fato de estarem sendo apagadas da história oficial?

Esta é a foto mais bonita que tirei em todos os anos em que trabalhei em museus: trata-se de uma criança que veio para uma visita educativa e, quando viu o mural, seu rosto mudou completamente. Ele correu pelo saguão do museu, gritando de emoção, para levar uma amiga do braço para que ela pudesse ver o mural e tirar uma foto sua. E esse momento foi transformador para eles e para nós três da equipe que estávamos lá.

Atualmente, estamos trabalhando num documento que formaliza essas práticas, de modo que elas não respondam aos interesses pessoais dos funcionários e não sejam limitadas por quem está no comando, mas estejam articuladas com a política pública e com as diretrizes, a visão e a missão do museu. Isso se tornaria um protocolo de gênero, que não apenas propõe treinamentos para a equipe e sessões de discussão, mas também busca responder a situações como:

- O que fazer quando um visitante fica chateado com o uso de linguagem inclusiva?

- O que devemos fazer se testemunharmos comentários homofóbicos/sexistas durante uma visita em grupo?
- O que devemos fazer se testemunharmos comentários homofóbicos/sexistas durante uma visita de escola?
- O que acontece se uma pessoa visitante for vítima de violência machista dentro do museu?
- O que acontece se uma pessoa da equipe for vítima de violência machista por parte de um visitante?
- O que acontece se uma pessoa da equipe for vítima de violência machista por outra pessoa da equipe?

“Trakeemos el museo” vem de *trakear*, vestir, despir, transformar, fantasiar e desfazer papéis de gênero; nomear e ressignificar o que nunca foi mencionado. Vamos *trakear* o museu, vamos travestir o museu. Vamos fazer isso sempre, vamos fazer isso juntas.

# Referências

Campuzano, G. (2008). *Museo Travesti del Perú*. Lima: Institute of Development Studies.

López Fernández-Cao, M. (2013). La función de los museos, preservar el patrimonio ¿masculino? *ICOM OE Digital: Revista del Comité Español del ICOM*, 18: 16-23.

Meloni González, C. (2019, 14 de junho). Paul B. Preciado y la sonrisa de los cocodrilos: una entrevista desde Urano. Parte II. *El Salto*. <https://www.elsaltodiario.com/el-rumor-de-las-multitudes/paul-b-preciado-y-la-sonrisa-de-los-cocodrilos-una-entrevista-desde-urano-parte-ii>